



ANA JENUÍNO E JOANA KNIJNICK: SOLIDÃO COMO TEMÁTICA REFLEXIVA

Livramento Fernanda de Lima Araújo
Claudenice da Silva Souza

Universidade Federal de Campina Grande (livfernanda2@gmail.com)

Universidade Federal de Campina Grande (clau909silva@gmail.com)

O trabalho com gêneros literários em sala de aula desde sempre é contemplado por inúmeros estudos e propostas de abordagem que visam uma boa forma de ensino, a fim de fazer com que o aluno se sinta cada vez mais estimulado a aprender e gostar de aprender. Assim como tantos outros estudiosos, visamos, também, apresentar uma possível sugestão de sequência didática com o gênero conto, com auxílio de música e anúncios, para alunos das séries finais do ensino fundamental. *O casamento de Ana Genuíno* da autora Paraibana Marília Arnaud e *Notícias*, de Artur Oscar Lopes foram escolhidos para esta pesquisa por apresentarem temáticas interessantes que caminham para a solidão humana. Neles, há personagens que se valem da imprensa – anúncio em revista e jornal, respectivamente – para encontrar o par romântico. As narrativas desembocam para fins frustrantes ou trágicos que nos fazem pensar acerca das relações humanas e da procura desenfreada pelo amor ideal. Tendo em vista o que pretendemos, apresentamos uma análise das personagens no tocante a perspectiva da solidão em suas vidas. Nosso embasamento teórico se dá a partir de Gimenez (1997) e Gancho (2002) com comentários sobre o gênero conto e Costa (2007) sobre a temática da solidão e alguns comentários de outros autores que encontramos inseridos no trabalho da autora, tais como Winnicott (1986), Rezende (2004) e Klein (1975).

Palavras-chave: Gênero conto, Solidão, Mulheres solitárias.

Introdução

Em relação à organização de nosso trabalho, ele está estruturado da seguinte forma: Primeiro explanamos sobre alguns aspectos que percebemos em ambos, como espaço, tempo, personagens e enredo dentro do conto “O casamento de Ana Jenuíno” presente no livro *Sentimento marginal*, publicado pela gráfica Santa Marta e escrito por Marília Arnaud, autora Paraibana e o conto “Notícia” de Artur Oscar Lopes publicado no livro *Contos Jovens* pela editora Brasiliense. Para isso, as reflexões de Gancho (2002) e de Gimenez (1997) nos auxiliaram sobremaneira. Em seguida, tecemos alguns comentários sobre a solidão, em que levamos em consideração as ideias de Costa (2007), Winnicott (1986), Rezende (2004), Klein (1975) e Ferreira (2013). Por fim, estão as nossas conclusões nas quais fechamos a nossa reflexão sobre a solidão nos contos.

Alguns comentários acerca dos elementos estruturais dos contos

“O casamento de Ana Jenuíno”, da escritora paraibana Marília Arnaud, traz em sua composição personagens divertidos que enriquecem a narrativa, como a protagonista que dá nome ao conto, deixando-nos na expectativa do descobrimento de suas ações. Nosso estudo refletirá, neste momento, sobre os aspectos que o estruturam e, posteriormente a respeito da solidão que perpassa o mesmo, alvo nosso.

Para tal, trazemos uma pequena consideração de Linhares (1973, p. 6-7) a respeito do gênero quando ele diz que “o conto é um caleidoscópio e, como tal, deve comunicar uma impressão de vida ou então de simples emoção a ser instalada na alma do leitor, sempre apressado em chegar ao fim, como supõe a época da velocidade em que vive (...)”. Por ser considerado menor em relação à sua estrutura e em comparação com romance, por exemplo, auxilia bastante o leitor apressado, ávido por praticidade neste mundo necessitado de economia de tempo. Deixa em quem o lê sua marca atenta, instaura no leitor uma espécie de vício, necessidade de tê-lo em mãos.

A autora paraibana nos apresenta um conteúdo pautado no cotidiano, uma espécie de *verossimilhança* com a realidade que conhecemos, fator que será abordado com maior precisão no próximo tópico. Para explanar sobre o conceito abordado neste parágrafo, nos pautamos no estudo de Gancho (2002, p. 11) sobre os elementos da narrativa. A autora afirma que:

Os fatos de uma história não precisam ser verdadeiros, no sentido de corresponderem exatamente a fatos ocorridos no universo exterior ao texto, mas devem ser verossímeis; isto quer dizer que, mesmo sendo inventados, o leitor deve acreditar no que lê. Esta credibilidade advém da organização lógica dos fatos dentro do enredo. Cada fato da história tem uma motivação (causa), nunca é gratuito e sua ocorrência desencadeia inevitavelmente novos fatos (consequência). A nível de análise de narrativas, a verossimilhança é verificável na relação causal do enredo, isto é, cada fato tem uma causa e desencadeia uma consequência.

O conteúdo do conto não necessita de veracidade, de acordo com os fatos que permeiam o nosso dia a dia, como afirma a autora. Porém, é necessário que transmitam verdade ao leitor através da construção da narrativa. Como sabemos, cada ato executado pelos personagens gera situações, momentos dentro da história que por consequência do encadeamento faz nascer novos acontecimentos e assim por diante, fatores que percebemos

logo no início do conto quando nos é apresentado pelo narrador o anúncio publicado na revista pelo futuro pretendente da protagonista:

Dizia a revista que ele era paulista de Sorocaba, viúvo bem aparentado, com apenas 64 anos, comerciante de posses, admirador das artes e profundo conhecedor de poesia. Estava interessando em casar novamente e, de preferência com uma nordestina, por ter sido sua primeira esposa, anjo de pureza e doçura. (ARNAUD, 1987, p. 21)

Todo o discurso usado para compor a publicação gerou expectativa em torno do encontro dos dois. Ana Jenuíno, assim como os habitantes de sua cidade que tanto torciam por sua felicidade, esperou por algo diferente. Dito isto, sua ação, primeiramente, de ter se anunciado fez com que a conhecesse, e sua aparência não condizia com o que havia promovido, causando burburinhos pela cidade de Solânea. Uma ação acarreta em outra.

Ana – Personagem protagonista – aparenta estar *disposta a casar*, pois interessa-se por um homem e passa a trocar correspondências. O enredo da narrativa salta ao nossos olhos a partir da leitura de cada trecho, cada descrição apresentada pelo narrador. Ele nos diz que Ana Jenuíno não se encaixava muito bem nos padrões exigidos, pois *estava mais para o tipo autoritário e seco* (ARNAUD, 1987, p. 21). Pelo que pudemos perceber no trecho citado acima, é totalmente contrária ao exigido pelo homem em seu anúncio, tratando-se de sua personalidade. Após muito pensar sobre o “anúncio”, decidiu enviar uma foto para o sorocabano. Mas ao invés de ser uma própria como é pressuposto pediu uma de sua madrinha, de quando era jovem, queria causar boa impressão e não pensou que o faria com sua aparência. Depois de pegarem a foto de dona Warnete da carteira de seu Jacó, iniciaram a carta que seria enviada:

“Sou nordestina de Solânea, na Paraíba, moça de família conceituada, professora formada pela Escola Normal, católica praticante, solteira, virgem e solitária. Gosto de crianças, boas leituras, cantos religiosos e tranquilidade. Envio fotografia...”. (ARNAUD, 1987, p. 21)

Ela expos na carta tudo que considerou importante, possíveis qualidades que se sobressairiam aos olhos do viúvo para garantir sua conquista, algo que funcionou com perfeição. Pouco tempo depois começaram a se comunicar com maior frequência por cartas durante muito tempo. A cidade inteira já tinha conhecimento do pretendente de Ana Jenuíno, torciam pelo seu casamento. Podemos perceber que a narrativa tem grande teor de humor. O enredo nos causa curiosidade, ficamos nos perguntando desde o início se as coisas darão certo entre os dois, se tudo resultará em final feliz ou triste.

As descrições e a falsa fotografia de si fizeram com que o homem se *enrabichasse*, se

por ela. Notamos que, tecnicamente, o sorocabano se interessa pela pessoa errada já que a foto que recebeu não condizia com a pessoa que a enviou. Assim como ele, também recebeu uma fotografia, considerou-o, junto com dona Warnete, alguém que “não era tão mal” (ARNAUD, 1987, p. 22). Considerou-o magro, nada que a Paraíba não resolvesse ao decorrer de um período de engorda, pensou.

Ana propôs que os dois se vissem pessoalmente antes de marcar o casamento, queria falar sobre a fotografia que enviara e explicar-lhe o que havia feito. Contudo, o noivo não aceitou a proposta, “temia levar desvantagem” (ARNAUD, 1987, p. 22). Tudo já estava preparado para o casamento: a cidade se “mobilizou” ansiosa, assim como a noiva, para a cerimônia. Ficaram todos estarecidos com a visão que tiveram do noivo, “pensaram que era velhice mesmo; espalhou-se que não teria menos de noventa anos” (p. 22). O sorocabano passou por diversas situações desagradáveis, porém nada o impedia de casar. A noiva orou o quanto pode, após saber dos últimos acontecimentos com seu velho, para não ficar *solteirona* com o casamento prestes a acontecer. É neste momento que chegamos ao conflito da história. Grande tensão é gerada em torno do encontro dos dois, das fotos falsas, como reagiriam ao se conhecer.

Fazendo um breve apanhado da estrutura do conto, podemos dizer que sua introdução apresenta basicamente o início dos fatos. Passamos a saber quem são os personagens da história, sobre o que tratará e assim por diante. É válido dizer que a narrativa apresenta inúmeros momentos de tensão, dificultando assim um consenso a respeito do que venha ser o *clímax*, temos a foto falsa enviada para ambos, a recusa do noivo em vê-la antes do casamento, a confissão da noiva feita ao padre que afligiu-se ao saber que Ana havia mentido para o paulistano. De acordo com ele não havia mais o que fazer.

Quando a noiva chaga na igreja antes do noivo, fato que não ocorre habitualmente em cerimônias de casamento. Mostra-se radiante ao lado de seu Jacó, marido de dona Warnete. Foi necessário ir com ele até o altar, pois era órfã e não podia subir ao altar com o pai biológico.

O desfecho da narrativa é totalmente inusitado. Ouve um enorme estardalhaço após a entrada do noivo na igreja. Ele não apreciou sua futura esposa, olhou-a com *desdém*. Ana saiu do altar aos prantos, a cidade queria a todo custo que o casório ocorresse. Por consequência da falsa fotografia que recebeu – como já dissemos – sentiu-se tapeado, pois não iria casar-se com a moça da foto, esta já era bem casada com outro homem. Os cidadãos não quiseram deixar por menos a desistência do sorocabano, ele tinha de casar ou não sairia com vida da

cidade.

É interessante dizer que após todo o ocorrido, pouco chorou – fato inesperado diante da situação que viveu –, foi à casa de dona Warnete falar sobre seu infortúnio e deixou de lado seus momentos de fofoca nas esquinas, pois se considerava casada ainda, desde aquele dia. A respeito do noivo, não souberam de notícias. O fim realmente nos impressiona.

Como já pudemos ver, além de Ana Jenuíno como protagonista; temos também o homem por quem ela se apaixonou denominado apenas de “sorocabano”; dona Warnete, madrinha de Ana; seu Jacó, marido de dona Warnete; o padre e as pessoas que fazem estardalhaço. Todos esses personagens compõem o conto a sua maneira, o enriquecendo a cada ação executada.

Sobre a caracterização dos personagens Gancho (2002) nos explica que:

“personagens redondos: são mais complexos que os planos, isto é, apresentam uma variedade maior de características que, por sua vez, podem ser classificadas em:

- psicológicas: referem-se a personalidade e aos estados de espírito;
- ideológicas: referem-se ao modo de pensar do personagem, sua filosofia de vida, suas opções políticas, sua religião (...)” (GANCHO, 2002. p. 18).

Ana Jenuíno caracteriza-se como uma personagem redonda, o fato de ter mentido para não apresentar-se como é ao homem que conheceu a torna uma personagem complexa. Não podemos esquecer que ela agia e se considerava casada mesmo após ter sido abandonada pelo marido. Esse aspecto envolve sua psicologia e ideologia, como está citado no fragmento acima. O viúvo e o padre também se encaixam nesta classificação, a final demonstraram facetas que os diferenciaram, mudam de opinião. O padre acaba sendo conivente com a mentira de Ana e O sorocabano foge. Os demais são vistos como personagens secundários, “menos importantes na história, isto é, que têm uma participação menor ou menos frequente no enredo” (GANCHO, 2002, p. 16).

A narrativa possui passagem de tempo linear, pois os fatos nos dão a ideia de passagem, seguimento de tempo. Gancho explica que o nome específico para essa ação temporal é cronológico, pois sabemos

que transcorre na ordem natural dos fatos no enredo, isto é, do começo para o final. Esta, portanto, ligado ao enredo linear (que não altera a ordem em que os fatos ocorreram); chama-se cronológico por que é mensurável em horas, dias, meses, anos, séculos. (GANCHO, 2002, p.

16).

Através da visão do narrador podemos conhecer os sentimentos, pensamentos e atitudes tomados pelos personagens. Essa é a função do narrador em terceira pessoa, nos apresentar os fatos sob sua óptica para que tenhamos conhecimentos de tudo que gira ao redor de todos os personagens. Mais especificamente esse conceito caracteriza-se como onisciência, pois nos é dito tudo sobre a história. (GANCHO, 2002, p. 27)

Nosso próximo conto analisado pertence ao escritor Artur Oscar Lopes. *Notícias* é uma narrativa apresentada em forma de pequenos anúncios de relacionamento em uma espécie de jornal chamado *correio do povo*, no qual, inicialmente, temos uma mulher chamada Maria Joana Knijnick apresentando suas exigências de como quer seu parceiro ideal. Assim como no outro conto já discutido criamos expectativa acerca de seu enredo. A partir do primeiro parágrafo nossa curiosidade é instigada, as informações postas nos deixa ansiosos por seu desenrolar diante da introdução inusitada. É válido dizer que o conto é curto, ou seja, de rápida leitura.

Todo o enredo gira em torno única personagem do conto que publica o seguinte:

Maria Joana Knijnick, solteira, procura por pessoa do sexo oposto para fim de casamento. O interessado deve ser pessoa sensível, que goste de ouvir música, seja alegre, que goste de passear domingo de manhã, que goste de pescar, que goste de passear na relva úmida da manhã (...). (p. GIMENEZ, p.72-73, 1997)

Sua lista de preferências para com o pretendente é extensa, a publicação ocorreu em 27/09/73. Alguns dias depois um novo anúncio é apresentado, só que ao contrário do anterior contém bem menos pretensões. Neste ponto percebemos o conflito causado. Inúmeras eram suas exigências, porém, percebemos que a cada frustração de não ser correspondida diminui.

Isso se torna frequente em um espaço alternado e não tão longo de dias. Nossa narrativa gira em torno do tempo cronológico. Cada publicação é datada em dias subsequentes, forma linear típica desse aspecto. “2/10/73”, “10/10/73”, “20/10/73” (LOPES, 1979, p.8). Nossa personagem caracteriza-se como *redonda*. A cada momento vemos-la mudar de ideia, diminuir seu querer em relação ao que pretende.

Por ser narrado em terceira temos a dimensão completa dos fatos através do narrador observador. Notamos nitidamente a perda do interesse a cada parágrafo apresentado. Vale salientar que não temos um clímax claro dentro da narrativa. O desfecho do conto ocorre a partir de sua última publicação: “A família da sempre

lembrada Maria Joana Knijnick comunica o trágico desaparecimento daquele ente querido e convida os amigos para o ato de sepultamento. Pede-se não enviar flores” (LOPES, 1979, p.8).

2. Um pouco sobre a solidão

Há quem repita constantemente o ditado “o homem nasce só e morre só”. Ao que nos parece, essa realidade é ao mesmo tempo atordoante e reconfortante, em certa medida, pois deixa exposta a fragilidade humana de ser solitário – mesmo com muitas pessoas ao seu redor – e também de alguma forma satisfaz o desejo de autonomia de cada um.

A solidão é um tema conhecido e vivenciado pela humanidade desde os seus primórdios. De acordo com a Bíblia, Deus fez a mulher para que o homem não ficasse sozinho. Ao longo da história de toda a humanidade as pessoas se juntam em guerras ou lutas pela paz, navegações e descobrimentos, por exemplo, propósitos que não podem ser realizados isoladamente. O homem parece depender do outro para concretizar atividades e por isso busca o outro para a execução das coisas.

Para Costa (2007), existem poucos estudos sobre a solidão e o que se fala sobre o tema acaba por contribuir para uma aparência banal em relação ao mesmo, pois muitas vezes se tem a vaga ideia de que a solidão é quando alguém está só. Porém, a temática vai muito além disso. É um sentimento de incompletude ou necessidade de outrem, é o sentir-se isolado em um mundo cheio de pessoas. O senso comum pode não dar conta desse tema.

A autora, ao comentar os estudos de Winnicott (1986) em relação aos laços do bebê com a mãe, afirma que a capacidade do indivíduo para ficar só “é um dos indicativos mais significativos do desenvolvimento emocional do homem” (COSTA, 2007, p. 120). Sendo que para que haja um bom relacionamento dos seres humanos com o mundo e com os outros é preciso que o contato inicial – com a mãe – transmita segurança para o bebê. Caso contrário, será difícil estabelecer vínculos com os outros, explica a autora. Nesse sentido, as raízes da solidão estão, de acordo com a mesma, atreladas as relações iniciais entre mãe e bebê.

Costa (2007) explana que há basicamente dois tipos de solidão: uma boa e uma ruim, isto é, a primeira estrutura e a segunda dilacera. Nesse sentido, a ruim é aquela que faz com que não consigamos estabelecer com o mundo nem com os outros seres humanos uma boa relação de segurança e, dessa forma, não é possível acreditar na existência deles a nosso favor, sentimo-nos, pois, sós. A boa diz respeito àquela solidão em que o homem se volta para

si mesmo e pode ouvir-se. A autora afirma que essa solidão é quem auxilia na criação de fortes manifestações como a arte, por exemplo, isso porque o homem foi capaz de adentrar em seu próprio mundo e fazer aquilo que estava em seu íntimo. Essas duas classificações têm a ver com a forma como cada ser humano vai lidar com essa experiência, pois “solidão quer dizer que o homem é só, nasce só e morre só e o que ele fizer de si ao longo de sua existência é uma resultante da capacidade de transcender como tal condição fundante” (COSTA, 2007, p. 120).

Rezende (2004, p. 222 *apud* COSTA 2007, p. 120) defende que “a solidão faz parte da condição humana, na sua acepção, e é uma atitude de estranhamento diante das coisas do mundo, uma busca de refúgio, mas não necessariamente um ato de desistência ou de finalização da história”. Isso porque a solidão está intrinsecamente ligada à alma dos homens e, como afirma o autor, é a procura pelo refúgio como que para se abrigar e se proteger daquilo que pode causar-lhe algum mal. Ainda assim, não quer dizer que seja uma atitude de quem desiste, mas sim de quem se sabe só e se consola com tal destino. Talvez possamos afirmar que a solidão seja uma condição.

Importante é destacar o que Klein (1975, p. 156 *apud* COSTA, 2007, p. 121, grifo nosso) afirma sobre o tema: “conquanto o sentimento de solidão possa diminuir ou aumentar pelas influências externas, **ele nunca pode ser completamente eliminado**, porque a tendência para a integração, assim como o pesar experimentado nesse mesmo processo, brotam de fontes internas que continuam operantes pela vida a fora”. Nesse sentido, percebemos que a autora acredita que a solidão pode ser maior ou menor de acordo com o meio externo, isto é, há influências na existência desse estado. Podemos dizer então que talvez em momentos felizes, por exemplo, é minimizado no ser humano esse sentimento, pois se ele está alegre com algo que ocorreu em sua família acaba por não se sentir só. Em contrapartida, momentos tensos e de melancolia podem muitas vezes propiciar o surgimento da tomada de consciência da solidão. Vemos que a autora argumenta que o meio influencia nessa condição, embora alegue que a solidão não pode deixar de ser sentida completamente, porque faz parte do ser humano.

Não podemos deixar de mencionar uma concepção que de certa forma vai de encontro ao que a autora afirma acima. Ferreira (2013, p. 183, grifo nosso) defende que “o ser humano, que vai ao fundo das coisas, aproximando-se da natureza no silêncio e na solidão, recebendo da paisagem circundante os seus eflúvios benfazejos, **jamaiz estará só, pois lhe será dada a felicidade de sonhar**”. Ou seja, para essa autora, se o homem tem uma relação íntima com a



natureza em sua solidão a ponto de se sentir satisfeito, ele não estará sozinho, no sentido de que a solidão aqui é algo positivo que acaba por possibilitar o conhecimento de si mesmo e, conforme destacado acima, a felicidade de sonhar. Nesse caso, os elementos da natureza podem ser uma influência do meio externo – lembrando Klein (1975) – para reduzir ou acabar com a solidão.

2.1. A solidão nos contos

Nos contos, as personagens protagonistas recorrem a anúncios a fim de encontrar alguém. Esse fato pode nos remeter ao que Costa (2007) fala em relação à capacidade que o indivíduo tem de ficar só, que representa seu amadurecimento emocional. As protagonistas parecem não possuir esse estado maduro, emocionalmente falando e, por isso, decidem lançar suas vidas em anúncios de jornais com a esperança de que lá encontrem alguém para lhes tirar da solidão.

No caso de Maria Joana Knijnick, podemos apontar a solidão ruim de que nos fala Costa (2007), tendo em vista que a mesma não consegue estabelecer com o mundo relações de segurança e por isso precisa colocar em um anúncio que quer alguém, isso por certo pelo fato de que não consegue encontrar alguém que atenda a todos os seus desejos. A lista de exigências dela vai diminuindo a cada anúncio. Nesse veículo de comunicação, a personagem escreve em terceira pessoa, mas coloca o critério de carinho que ela exige, “que sussurre aos meus ouvidos que me ama” (p. 72). Podemos interpretar isso como um apelo da moça e um certo desespero pelo encontro do outro. Sem irmos para questões do tipo: “ela procura demais” ou “não quer os que lhe aparecem porque é exigente”, ficamos apenas com a ideia da solidão dela, a ponto de necessitar expor-se em um jornal.

No último anúncio que a própria Maria Joana Knijnick coloca no jornal, no dia vinte de outubro de mil novecentos e setenta e três, ela expressa todo o desespero da busca incessante por um alguém. Primeiro, ela ainda publicava, ou seja, ninguém havia aparecido e o desespero se tornou visível nas palavras “Maria Joana Knijnick pede que qualquer pessoa goste dela e suplica que lhe mandem flores” (p. 73). A diferença no uso de verbos ao longo dos anúncios demonstra a fragilidade emocional da moça, pois em relação às flores – que a pessoa que a quisesse deveria gostar de dar, ela sempre utilizava o verbo oferecer. Mas podemos ver que nesse último, o verbo é suplicar, demonstrando o estado aflitivo no qual se encontrava.

O anúncio do dia catorze quem manda é a família dela com o convite a todos para o

sepultamento do ente querido. Rezende (2004) afirma que a solidão é condição humana e, retomando suas palavras, não implica necessariamente que é um ato de desistência por parte de quem a sente em demasiado, porém, no conto, vemos justamente o contrário. A personagem desiste sim, não suporta a ideia de que ninguém a queira e acaba por abrir mão da própria vida. Sendo assim, ela rompe a ideia de que o ser humano é capaz de lidar com a solidão e está inserida na solidão ruim, em que não consegue ter segurança no mundo nem nos outros.

Seguindo essa mesma reflexão, de forma semelhante aparece em Ana Jenuíno. A necessidade de casamento da protagonista a faz trocar cartas com um homem que ela nunca viu. Ou seja, a solidão de certa forma a obriga a realizar tal ato, isso porque a solidão para ela também é aquele tipo ruim, apontado por Costa (2007).

Lembrando o que Klein (1975) fala sobre o meio externo, apontamos que Ana era já uma senhora – passara da meia idade – e que o fato de não ter casado a influenciou diretamente a se comunicar com um homem que não conhecia, sem saber como era seu rosto, seus gestos, suas preferências e valores. Nesse sentido, é como se nada disso importasse. O que desejava era casar-se.

Assim como a protagonista do outro conto, Ana também não sente segurança no mundo e muito menos em si mesma, prefere enviar a foto de outra mulher, tinha medo de que ele a visse, não gostasse e desistisse do casamento.

Mesmo que o marido dela fuja, Ana se considera uma mulher, no final do conto, uma mulher casada e tem hábitos de coincidem com a sua condição. Isto é, ela meio que aceita o fato de ele tê-la deixado, porém é suficiente a ideia de que agora ela tem um título a zelar, o de ser esposa. Por isso, certos costumes como conversar na rua não lhes são mais permitidos. A solidão para a personagem parece ser de nome na sociedade e uma posição, como se o fato de possuir o nome de casada fosse o suficiente para ser feliz, ainda que não tivesse o marido por perto. Sua solidão é diminuída aparentemente – só aparentemente – pelo meio externo, ou seja, a sociedade a vê agora como esposa, e isso parece bastar. Mas lembramos de que Klein (1975) defende que ainda assim essa condição de ser só ou de se sentir só não pode desaparecer, porque faz parte de nós e, ainda que não esteja dito no conto, podemos inferir que o sentimento está presente em Ana Jenuíno.

Conclusão

É sempre enriquecedor abordar qualquer tema dentro da literatura. Mas algo tão



singular como a solidão nos leva a refletir sobre nós mesmo e nossa condição como pessoas. Nascemos e morremos rodeados, porém nossos sentimentos não levam em consideração aquilo que não serve como preenchimento de alma. Percebemos que nossas personagens tentam a todo custo ter alguém, estar com alguém, porém ambos terminam solitários assim como vieram ao mundo. Sós. Um delas resigna-se a fingir ter alguém, mesmo depois de tê-lo perdido; a outra não chega a encontrá-lo. Sua busca cessa a partir de sua morte. Não chegou a ouvir do padre “até que a morte os separe”, pois não houve união em vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Maria de Fátima Batista. **...Da solidão e da condição...** (por uma antropologia da solidão: uma abordagem a partir de Clarice Lispector e Martin Heidegger). – Recife: O autor, 2007. 284 folhas.

FERREIRA, Agripina Encarnacion Alvarez. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos** [livro eletrônico] – Londrina: Eduel, 2013. 1 Livro digital.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

KLEIN, Melanie. **O sentimento de solidão: nosso mundo adulto e outros enganos**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

LINHARES, Temístocles. **22 diálogos sobre o conto brasileiro atual**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

LOPES, Artur Oscar. In LAJOLO, Marisa & MANSUR, Gilberto (org). *Contos jovens*. São Paulo, Brasiliense, 1979.

REZENDE, A. Paulo. **História, solidão e modernidade**. In: Territórios e Fronteiras – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso, vol. 5, n. 1 jan-jun/2004 – Cuiabá – MT.

WINNICOTT, Donald W. , 1964, 1957. **A criança e seu mundo**. Copyright 1982 by – LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.